

Mídias digitais e as tecnologias da sobrevivência

Gilson Monteiro*

Resumo

Este artigo foi publicado inicialmente no livro *Jornalismo para dispositivos móveis: produção, distribuição e consumo*, organizado por João Canavilhas e Ivan Satuf, em Portugal, pela Livros Labcom Books, em 2015, sob o título "Ecosistemas comunicacionais: os dispositivos móveis como extensão do corpo humano". O que em Portugal se chama "dispositivos móveis", em Manaus, no Grupo de Pesquisa em Ciências da Comunicação, Informação, Design e Artes (Interfaces) denominamos Mídias Digitais. Utilizamos os ecossistemas comunicacionais, conceito surgido a partir dos "ecossistemas comunicativos", resultados de um processo enativo de evolução das teorias, que reforça a minha tese de que tecnologias, por mais modernas que as sejam, resultam de processos enativos, e são, portanto, extensões do corpo. E, mais ainda: extensões do corpo para garantir a sobrevivência. Eis que me veio a ideia de aprimorar o artigo anterior e chamá-lo de "Mídias Digitais e as tecnologias da sobrevivência".

Palavras-chave: Mídias Digitais. Ecosistemas comunicacionais. Comunicação e complexidade.

Abstract

This article was first published in the book "Jornalismo para dispositivos móveis: produção, distribuição e consumo", organized by João Canavilhas and Ivan Satuf, in Portugal, by Livros Labcom Books, in 2015, under the title "ecossistemas comunicacionais: os dispositivos móveis como extensão do corpo humano". What in Portugal is called "mobile devices", in Manaus, in the Research Group in Communication Sciences, Information, Design and Arts (Interfaces) we call Digital Media. We use communicational ecosystems, a concept emerged from "communicative ecosystems", the results of an enactive process of evolution of theories, which reinforces my thesis that technologies, however modern they are, result from enative processes, and are therefore, body extensions. And even more: extensions of the body to ensure the survival. This is where i came up with the idea of improving the previous article and call it "Digital Media and Survival Technologies".

Key words: Digital Media. Communication Ecosystems. Communication and complexity.

* Gilson Vieira Monteiro é doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP) e Pró-reitor de Pesquisa e Pós-graduação da Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

1. Introdução

A primeira versão deste artigo foi publicada no livro *Jornalismo para dispositivos móveis: produção, distribuição e consumo*, organizado por João Canavilhas e Ivan Satuf, em Portugal, pela Livros Labcom Books, em 2015, sob o título “Ecosistemas comunicacionais: os dispositivos móveis como extensão do corpo humano”. Resultou da Conferência de Encerramento do II Congresso Internacional Jornalismo para Dispositivos Móveis. Na época do convite, mandei a proposta de Conferência denominada “Ecosistemas comunicacionais: os dispositivos móveis como extensão da mente humana”. Lá em Portugal, ao finalizar o material escrito, mudei. Passei a encerrar os dispositivos móveis, que, em Manaus, no Grupo de Pesquisa em Ciências da Comunicação, Informação, Design e Artes (Interfaces) denominamos Mídias Digitais, como extensões não apenas da mente, mas, do corpo humano.

Nossa concepção de que os ecossistemas comunicacionais, conceito surgido a partir dos “ecossistemas comunicativos”, são resultado de um processo enativo de evolução das teorias reforça a minha tese de que tecnologias, por mais modernas que sejam, resultam de processos enativos, e são, portanto, extensões do corpo. E, mais ainda: extensões do corpo para garantir a sobrevivência. Eis que me veio a ideia de aprimorar o artigo anterior e chamá-lo de “Mídias Digitais e as tecnologias da sobrevivência”. E é esse processo de enação das teorias e das tecnologias que abordaremos a seguir.

2. Mídias Digitais e os ecossistemas comunicacionais

O Grupo de Estudos e Pesquisa em Ciências da Comunicação, Informação, Design e Artes (Interfaces), criado em 2004, concluiu o projeto de Pesquisa denominado “A história dos meios de comunicação em Manaus”, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (Fapeam) e, durante um ano, participou da avaliação do Programa de Comunicação Científica da própria Fapeam. É parceiro do Grupo de pesquisa em Comunicação e Tecnologias Digitais (Comtec), da Universidade Metodista de São Paulo (Umesp) e do Grupo de Estudos em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiese (Amorcomtur) da Universidade de Caxias do Sul (UCS).

O grupo foi o responsável pela proposição de mudança na estrutura curricular do curso de jornalismo da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e propôs a criação do Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação (PPGCCOM), que funciona desde 2008 na UFAM. Dos seus estudos e pesquisas surgiu a expressão “Mídias Digitais” para designar todo o suporte físico (ou não) capaz de armazenar byts e bytes que dão suporte digital à vida. *Smartphones, tablets, flashdrivers, HDs, memórias expandidas* e até as mais modernas “nuvens” podem ser entendidas como “Mídias Digitais”, pois essas referem-se ao suporte para a difusão de informações.

Ao propor o Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação (PPGCCOM) da Universidade Federal do Ama-

zonas (UFAM), a área de Concentração “Ecosistemas Comunicacionais” foi saudada como a “maior novidade” da área, no entanto, vista com desconfiança, principalmente pelos mais pragmáticos, que entendem a pós-graduação como uma mera extensão dos cursos de graduação. No fundo, o que havia era a ideia de que “ecossistemas” estavam mais relacionados à Ecologia ou à Biologia, e não à Comunicação.

Acontece que o conceito de “ecossistemas comunicacionais” é genuinamente amazônico. Foi na tese *Barco-escola: da emersão de uma ideia ao naufrágio de um projeto* defendida pela professora Claudia Guerra Monteiro, na Escola de Comunicação e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP), orientada pelo professor Ismar de Oliveira Soares que “bebemos” os primeiros goles do conceito. Coordenador do Núcleo de Comunicação e Educação (NCE) da ECA/USP, Oliveira Soares (2011, <<http://www.educomunicacao.jor.br/2011/01/ecossistemas-comunicativos.htm>>) assim define Ecosistemas Comunicativos:

[...] é algo que cuida da saúde e do bom fluxo das relações entre as pessoas e os grupos humanos no ambiente educativo. Esse cuidar também se refere ao acesso de todos ao uso das tecnologias da informação. É justamente essa potencialização que propõe a Educomunicação nos espaços educativos.

Sartori e Prado Soares (s/d, <<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/86.pdf>>) se aprofundam no conceito de ecos-

istema comunicativos e, já no resumo do artigo, demonstram que Paulo Freire é a base para um “novo pensamento comunicacional Latino-Americano”:

Alicerce do pensamento latino-americano sobre a inter-relação comunicação e educação, Paulo Freire iluminou as bases de um novo modelo comunicacional considerado por Jesús Martín-Barbero como a primeira teoria latino-americana de comunicação. Paulo Freire desponta como o educador que definiu bases sólidas para gestar os espaços dos ecossistemas comunicativos, pois sua teoria dialógica, baseada em colaboração, união, organização e síntese cultural, aproxima-se do conceito de Educomunicação [...]

E quando descem aos detalhes do conceito de “Ecosistemas comunicativos”, as autoras revelam que Walter Benjamin (1982) foi capaz de antever “o nascimento do novo sensorium que se formava no intervalo entre as novas condições de produção e as transformações culturais promovidas pelas novas tecnologias da comunicação e informação.” (SATORI; PRADO SOARES, s.d.). O novo *sensorium*, portanto, é a base para o conceito de ecossistemas comunicativos, de acordo com autores, que citam Barbero:

Se trata de una experiencia cultural nueva, o como W. Benjamin lo llamó, un sensorium nuevo, unos nuevos modos de percibir y de sentir, de oír y de ver, una nueva sensibilidad que

en muchos aspectos choca y rompe con el sensorium de los adultos. Un buen campo de experimentación de estos cambios y de su capacidad de distanciar a la gente joven de sus propios padres se halla en la velocidad y la sonoridad. No sólo en la velocidad de los autos, sino en la de las imágenes, en la velocidad del discurso televisivo, especialmente en la publicidad y los videoclips, y en la velocidad de los relatos audiovisuales. Y lo mismo sucede con la sonoridad, con la manera con que los jóvenes se mueven entre las nuevas sonoridades: esas nuevas articulaciones sonoras que para la mayoría de los adultos marcan la frontera entre la música y el ruido, mientras para los jóvenes es allí donde empieza su experiencia musical. (MARTÍN-BARBERO, 2000, p. 49).

A chave para o conceito de “ecossistemas comunicacionais”, portanto, não é uma base meramente biológica, muito embora beba na Biologia e em o que as autoras chamam de “trama de configurações”:

Para a Biologia, a noção de ecossistema inclui tanto fatores bióticos (vivos: animais, plantas, bactéria entre outros) quanto abióticos (ambiente físico) inter-relacionados dinamicamente. Pode ser considerado como o conjunto dos relacionamentos mútuos entre os seres vivos e o meio ambiente. No ecossistema, acontecem trocas e ele está em contínuo dinamismo; não é determinado por seu tamanho, mas por sua estrutura e seus padrões de organização.

Jésus Martín-Barbero (2000) quem articulou o conceito de ecossistema comunicativo, não apenas conformado pelas tecnologias e meios de comunicação, mas também pela trama de configurações constituída pelo conjunto de linguagens, representações e narrativas que penetra na vida cotidiana de modo transversal. (SATORI; PRADO SOARES, s.d.).

Ao chegar ao Amazonas, o conceito transmutou-se, sem, no entanto, perder a essência do conceito de ecossistema, vindo da Biologia, e ressaltado pelas autoras: “Pode ser considerado como o conjunto dos relacionamentos mútuos entre os seres vivos e o meio ambiente. No ecossistema, acontecem trocas e ele está em contínuo dinamismo; não é determinado por seu tamanho, mas por sua estrutura e seus padrões de organização.” Assim sendo, o conceito de ecossistemas comunicacionais, já com toda a carga do “olhar amazônico”, não pode prescindir de “relacionamentos mútuos entre os seres vivos e o ambiente” e o “contínuo dinamismo das trocas”.

Esses elementos, é fácil observar, estão presentes na própria ementa da Área de Concentração do PPGCCOM divulgada no *site* do Programa:

O Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade Federal do Amazonas (PPGCCOM/UFAM) tem como área de concentração os ecossistemas comunicacionais, campo de estudos no qual os processos comunicativos são entendidos a partir da complexidade envolvida nas relações entre os dife-

rentes sistemas que dão vida às práticas comunicativas. Compreende estudos sobre os processos de organização, transformação, produção, circulação e consumo em ambientes comunicacionais conformados pelas interações entre sistemas sociais, culturais e tecnológicos, considerando a complexidade sistêmica e informacional dos fenômenos comunicativos. Neste sentido, os processos comunicacionais são percebidos e investigados não a partir do isolamento de suas partes, mas da diversidade de redes de fenômenos interconectados e interdependentes manifestos nas diferentes instâncias da cultura e que exigem pesquisas interdisciplinares e transdisciplinares frente à complexidade do objeto. Neste contexto, as pesquisas estruturam-se em torno das redes e processos comunicacionais e das linguagens, representações e estéticas comunicacionais que envolvem o objeto investigado nas mais diversas esferas da vida social.

As ampliações sensoriais a respeito do conceito de ecossistemas comunicacionais foram reafirmadas na tese *Um jeito amazônica de ser mundo: a Amazônia como metáfora do Ecossistema Comunicacional: uma leitura do conceito a partir da região*, defendida por Sandro Adalberto Colferai, no Programa de Pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA). E nela se traz para o campo da Comunicação o conceito de enação, advindo da Escola de Toronto, no Canadá, dirigida por Marshall McLuhan. E o conceito de enação amplia de forma substancial o conceito inicialmente proposto por nós no Interfaces.

3. O ser humano e as interações biotécnicas

Há ainda que se levar em conta o fato de que o conceito de enação corrobora a tese defendida neste artigo de que as tecnologias, por nós denominadas Mídias Digitais, ampliam a capacidade de interação dos seres humanos com as máquinas, porém, também com o ambiente. Aqui, reafirmo uma parte do artigo publicado em Portugal.

Naquele artigo, Colferai (2014) ensina:

Mas ainda é preciso ir além, pois a leitura do Ecossistema Comunicacional que proponho não considera apenas o ambiente natural e o ser humano, mas também as ampliações sensoriais tornadas possíveis pela tecnologia. É neste ponto que trago para minha proposta de leitura algumas das ideias apresentadas por autores vinculados à Escola de Toronto, em especial Marshall McLuhan (MCLUHAN, 1972; 2005) e Derrick de Kerckhove (KERCKHOVE, 1997; 2003), que se voltam para as materialidades da comunicação. Em particular são importantes as proposições de Kerckhove sobre as psicotecnologias, ou novas formas de percepção a partir de interações biotécnicas.

Interações biotécnicas não são novidade para os seres humanos. Certa vez, ao assistir ao filme *Moisés*, com meus filhos, vi a imagem da Tábua de Moisés, em pedra. Comentei com eles: eis o primeiro *tablet*. Ao desenhar na pedra os mandamentos, Moisés apontava a necessidade de armazenamento de informações por meio de am-

pliações sensoriais resultadas de interações biotécnicas. Ou alguém pode negar que um “*tablet* de pedra” não era uma sensacional inovação para a época?

Mesmo nos primórdios, quando um gorila, por exemplo, tomava o osso de outro animal para usá-lo como tacape, abater outro animal e, com isso, garantir a sobrevivência da espécie, eis aí uma interação biotécnica, inovadora, capaz de garantir a sobrevivência. Estamos, portanto, ao nosso ver, vivendo a era das ampliações sensoriais, que se nos apresentam como novidades, que, no entanto, possuem raiz na necessidade dos seres humanos e dos seus antepassados de manter a vida sobre a Terra.

O mundo da representação, legado que nos foi deixado pelo “Mito da Caverna”, de Platão, muito provavelmente, é um mundo da ação, ou da “ampliação”, visto como ação ampliada. E uma ação de interação com o ambiente, ainda que este ambiente seja, digamos, virtual, como o é atualmente. As tecnologias que se nos apresentam por meio das Mídias Digitais possuem essa capacidade de nos interconectar com sistemas e subsistemas, o que forma um ecossistema, que se torna redundante, inclusive na denominação, em função das novas tecnologias de comunicação (e interação).

Assim sendo, para nós do Interfaces, mais importante que os fios da rede, os nós da rede precisam ser estudados, pois representam as interconexões, que, em essência, são interdisciplinares, logo, precisam ser abordadas por meio de um olhar interdisciplinar. Do artigo publicado em Portugal temos:

A principal alteração, quando se passa da abordagem dos fenômenos pelo

conceito de representação para o de enação, se dá na maneira como é compreendida a interação com o ambiente, com o meio. “Em vez de representar um mundo independente, [os sistemas] actuam um mundo como um domínio de distinções que é inseparável da estrutura corporalizada pelo sistema cognitivo” (VARELA; THOMPSON; ROSCH, 2001, p. 187).

O mundo, portanto, não é preestabelecido por meio das representações, mas, resultado das experiências e das interações com o meio. Assim, é possível vencer a ideia de que as informações existem (e estão prontas) para serem consumidas. Mais que tudo, os meios de comunicação modernos, circulam e se expandem, ou expandem o corpo, por intermédio das Mídias Digitais, armazenadas nos dispositivos móveis.

Aqui é necessário, de novo, se esclarecer que, equivocadamente, a expressão Mídias Digitais é utilizada como se fosse algo a ser armazenado nos dispositivos móveis. Em verdade, dispositivos móveis e Mídias Digitais são similares e, pode-se dizer, expansões do corpo, da mente e da alma humana capazes de promover interações biotécnicas ampliadoras das capacidades dos seres humanos. Principalmente da capacidade de consumir informações, o que nos transforma em informívoros, sem no entanto, sermos meramente consumidores de informações. Eis um novo trecho do artigo publicado em Portugal:

As implicações desta proposta nas Ciências Humanas são evidentes, mas nem por isso incontroversas. A

primeira delas é a impossibilidade de simplesmente consumir informações – no sentido de que há informívoros – pois o que há é a coatuação entre o indivíduo e o ambiente (Eis o achado da tua proposta de Ecossistema Comunicacional. Não?), num “emaranhado de processos perceptuais e cognitivos, alguns específicos da espécie e outros específicos da cultura”, o que distancia as noções de que categorias sobre o mundo são preestabelecidas e independentes de “nossas capacidades perceptuais e cognitivas” (VARELA; THOMPSON; ROSCH, 2001, p. 224-225). Desta forma o mundo ao invés de ser representado passa a ser experienciado e atuado.

Assim sendo, para Derrick de Kerckhove “a pele como dispositivo de comunicação e não de proteção faz todo o sentido” (KERCKHOVE, 1997, p. 128). O que nos permite concluir que “os artefatos de comunicação são prolongamentos da mente e do corpo”. Sobre os prolongamentos sensoriais, Colferai (2014) ressalta:

A posição que assumo, e que é fundamental para a leitura que proponho do Ecossistema Comunicacional, é de que esta percepção aproxima suas proposições daquelas apresentadas por Maturana e Varela (1995) para a autopoiese e para o conceito de enação explicitado por Varela (VARELA; THOMPSON; ROSCH, 2001). Os artefatos de comunicação, proporcionados pela crescente sofisticação tecnológica que se firmou a partir do século XX, resultam na proliferação de

interfaces sensoriais, prolongamentos de mentes e corpos, e nos fazem ter um ponto de vista também estendido. Com isso “não é o mundo que se está a tornar global, somos nós” (KERCKHOVE, 1997, p. 123), numa amplitude que torna possível considerar que o tamanho efetivo de nosso corpo é o tamanho do planeta. O que as tecnologias fazem é potencializar sentidos naturais, a visão e a audição principalmente, com perturbações percebidas pelo sistema nervoso.

Sem modificações, o trecho a seguir, publicado no livro organizado por Canavilhas e Satuf (2015), dá uma medida exata das interconexões fundamentais para os estudos dos Ecossistemas Comunicacionais e de como as Mídias Digitais são capazes de ampliar o corpo com o fim de garantir a sobrevivência.

Entre os argumentos de Kerckhove (1997) está o de que a linguagem, que tornou possível as interações entre seres humanos distantes fisicamente e no tempo – principalmente após o surgimento do alfabeto –, também fez com que nos aprisionássemos dentro de nossos corpos e perdéssemos as conexões com o ambiente. Quanto mais nos aprofundávamos numa cultura voltada para a linguagem transformada em alfabeto e posta em circulação em suportes cada vez mais sofisticados, mais nos voltávamos para o nosso interior, para o que nossas mentes falavam dentro de nós protegidas pela fronteira em que foi convertida a pele. Quanto mais nos comunicávamos pela linguagem e pelo suporte proporcio-

nado pelo alfabeto, mais esta operação era vista como via preferencial de interação, mais nos apartávamos da ideia de fazer parte do ambiente. Erámos nós aqui e o ambiente lá!

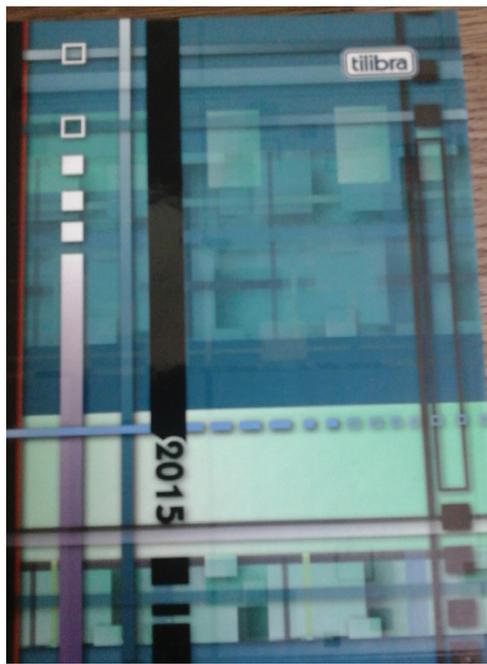
A cristalização desta forma de conhecer fez com que uma crise se estabelecesse no momento em que as referências culturais deixaram de estar exclusivamente ancoradas no texto impresso e passaram a dividir as atenções com uma crescente cultura eletrônica. E os sintomas da crise crescem conforme se multiplicam e se complexificam os aparatos tecnológicos eletrônicos desde o surgimento do rádio, do cinema e da televisão, mas especialmente a partir da crescente – e inescapável – presença de aparatos que conectam em rede números cada vez maiores de indivíduos. As características desta crise a fazem assemelhar-se àquela vivida no período oral, pré-imprensa, mas que pela velocidade com que ocorre o contato com os equipamentos eletrônicos de acesso à web, por exemplo, e pela amplitude que isso proporciona, pode ser tomada como mais impactante do que aquela para os modos de vida. As tecnologias são agora não apenas aparatos, mas extensões que amplificam não somente o alcance, mas também a presença do humano. A estas tecnologias Kerckhove chama de psicotecnologias “baseado no modelo da biotecnologia, para definir qualquer tecnologia que emula, estende, ou amplifica o poder das nossas mentes”, especialmente quando diversos suportes “combinam-se para criar ambientes que, juntos, estabelecem um domínio de processamento de informação” (KERCKHOVE, 1997, p. 34).

4. A velha nova tecnologia que nos une

Sem utilizar a mesma ordem de argumentos apresentados no artigo anterior, tomo os mesmos exemplos para reforçar a tese de que tecnologias são ampliações do corpo, não são nenhuma novidade como concepção. Mas, reforçam a tese de que são mútuos movimentos de interação do homem com o meio e com seu meio. Eis o texto, a seguir, que era parte do início do artigo publicado em Portugal.

As primeiras interconexões entre dispositivos móveis e corpo humano, para efeito deste artigo, ocorreram no dia 13 de novembro de 2014, quando fui convidado para participar do “Meeting Comunicação estratégica com os públicos: o futuro da Comunicação nos meios de comunicação de massa”, no Centro de Ensino Superior do Amazonas (CIESA). Recebi os brindes:





Vieram acompanhados de uma caneta esferográfica. Entre os dias 19 e 21 de novembro de 2014, participei do Encontro de Pró-reitores de Pesquisa das universidades brasileiras (ENPROP), em Águas de Lindoia, São Paulo. Já nas inscrições, o material de cada um dos participantes continha uma pasta, na qual tínhamos o seguinte material:



Ao que parece, é regra em todos os eventos que os participantes recebam agendas, cadernos de anotações e quetais. São brindes cujo suporte é analógico. Na função, no entanto, exercem o mesmo papel de extensão do corpo. Mais uma vez, portanto, tem-se a certeza de que as Mídias Digitais não são novidades e que as tecnologias ditas modernas são reaplicações de antigos, digamos, hábitos humanos de armazenar, inclusive informações, para garantir a sobrevivência.

5. Conjecturas que antes não eram conclusões

Tomei por empréstimo da literatura o primeiro exemplo para iniciar as conjecturas, que no artigo publicado em Portugal, não eram parte da conclusão. A remodelagem do artigo tem a finalidade de, exatamente, nos permitir concluir a partir de algo que antes não era visto como conclusão. Exemplo típico de enação no próprio texto. E de como o texto também pode funcionar como um Ecossistema. Eis o texto que, agora, conclui este novo artigo:

Lembrei-me de uma das primeiras aulas ministradas no Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação (PPGCCOM) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), em 2008, à época, por mim coordenado. Era a disciplina obrigatória “Epistemologia”. Pedi a um dos estudantes que definiu “Ciberespaço”. Ele respondeu que era “tudo o que estava sobre nossas cabeças”. Para o senso comum, a ideia é mesmo esta: tudo o que está sobre as nossas cabeças é o ciberespaço.

ço. Naquela aula tentei explicar, de modo bem simplificado, que, na literatura, está o maior exemplo de o que seja o ciberespaço: é o ambiente aparentemente virtual que o leitor cria (ou recria), na mente, ao ler um romance, um poema. Quando alguém, em tempos idos, mandar uma carta narrando detalhes do ambiente, da própria pessoa e do sentimento que os envolvia, ao abrir a carta e lê-la, a amada ou o amado recriava o seu ciberespaço, nem sempre coincidente com o dele. Os atuais namoros virtuais, os ambientes, as imagens que se fazem das pessoas, inclusive, os crimes cometidos contra desavisados e desavisadas são exemplo de que o ciberespaço parece ser uma necessidade intrínseca ao ser humano.

Quanto à novidade, o mesmo se pode dizer do *link* e do *hiperlink*, tratados aqui e em quase todos os textos sobre o assunto como sinônimos. Aparecem como expressão ou imagem, normalmente sublinhados e na cor azul, como forma de conduzir para outra página, outro endereço na World Wide Web (WEB). São ferramentas, digamos, que “conduzem” a navegação. Mas, o que se dizer dos títulos, dos sumários, das manchetes de jornais, por exemplo? Possuem os mesmos princípios, as mesmas funcionalidades dos atuais e modernos links e hiperlinks.

E o Spam? Embora se nos apresente como novo, com o pomposo nome em inglês, que significa, embora não haja tradução em português, mensagens inapropriadas ou irrelevantes enviadas para, pela internet, para inúmeros recipientes. Tais recipientes, antes quanto agora, recebem o nome de caixa postal. Mas, qual diferença há entre osspams e as antigas cartas indesejadas que recebíamos ou eram deixadas

nas nossas caixas postais, geralmente para oferecer produtos ou serviços? Esperar o carteiro ansiosamente era o que os mais antigos faziam, com a mesma ansiedade que hoje em dia, fazemos ao abrir nossos e-mails inúmeras vezes ao dia.

Vejo o Twitter como o balcão de um bar, no qual nos encostamos, deixamos poucas palavras – no Twitter apenas 140 caracteres – e vamos embora. Folhas, lançadas ao vento, que se espalham como fossem vírus. Era como se dizia antigamente dos fuxiqueiros, dos fofoqueiros que viviam disso: chegar nas pequenas aglomerações, geralmente na frente das casas, e espalhar “veneno” para todos os lados. Hoje em dia, no Twitter, ganhou a velocidade da luz.

O Facebook parece ser uma evolução do blogue que, ao meu ver, é a metáfora moderna de “o meu querido diário”, espaço privado, com chave e tudo, no qual registrávamos nossas anotações secretas, nossos segredos. Coisas que nem pais e irmãos deveriam saber, mas, dividíamos com os amigos mais próximos. Em “o meu querido diário”, também eram coladas as fotografias secretas, a serem compartilhadas com os amigos, mas, escondidas dos pais. Eis a diferença: hoje, no Facebook, a mesma lógica é mantida, mas, as fotografias são compartilhadas abertamente, inclusive, com desconhecidos.

Nem as redes de colaboração são novidade. Klein (2005) apud Peborgh (2013, p. 39) garante que “as primeiras redes de colaboração foram estabelecidas há mais de 50 mil anos”. Klein baseia sua teoria nos achados do Antropólogo Stanley Ambrose que teria encontrado, no Lago Naivasha, no Quênia, “casca de ovos de avestruz esculpidas com círculos de aproximadamente seis milímetros de diâmetro.”

Achados semelhantes em cavernas da Tanzânia e da África do Sul indicam que esses pequenos objetos desempenharam um papel fundamental na sobrevivência dos seres humanos que os utilizavam: eram símbolos que os membros das comunidades primitivas da região trocavam entre si para estabelecer laços de colaboração. Eles representavam um compromisso mútuo entre os vários grupos vizinhos, e garantiam a todos os integrantes a ajuda e o apoio de que precisariam caso fossem afetados pela seca ou por algum outro tipo de desastre. Eles também permitiam àqueles que os possuíssem adentrar os territórios uns dos outros em busca de refúgio (PEBORGH, 2013, p. 39).

Desse modo, o homem passou a permutar símbolos como uma forma de fortalecer parcerias. Por meio do desenvolvimento de diferentes linguagens – ou seja, de sistemas simbólicos distintos – ele conseguiu canalizar ações coletivas que lhe permitiram evoluir enquanto espécie. Isso se mostrou verdadeiro tanto em relação à caça – que, organizada de maneira coletiva, proporcionou inúmeros benefícios em comparação àquela exercida individualmente – quanto à agricultura, à vida em comunidade e ao desenvolvimento da ciência e da tecnologia.

É como afirma PBORG (2013, p. 40): “[...] Portanto, graças à capacidade de colaboração impregnada em seu DNA, a humanidade foi capaz de evoluir, e os seres humanos, de sobreviver”. Neste ponto, faz-se necessário registrar que, embora Charles Darwin tenha ganho fama como o criador da “Teoria da Evolução”, que estabeleceu a evolução, como teoria, de fato, foi o biólogo francês Jean-Baptiste de Lamarck.

Lipton (2007, p. 24) afirma:

Lamarck não apenas apresentou sua teoria 50 anos antes de Darwin, como ofereceu uma explicação menos drástica para os mecanismos da evolução. Sua teoria diz que a evolução está baseada em uma interação cooperativa entre os organismos e seu meio ambiente, que lhes permite sobreviver e evoluir em um mundo dinâmico. Afirmava que os organismos passam por adaptações necessárias à sua sobrevivência em um ambiente que se modifica constantemente. [...]

Ao que nos parece, a hipótese defendida por Lamarck se nos apresenta mais adaptada ao que defendem os biólogos modernos que a hipótese da evolução proposta por Darwin de que os mais fortes sobrevivem e os mais fracos fenecem ao longo do tempo. O surgimento da Internet e das Mídias Digitais como forma de interação humana potencialização a capacidade de cooperação em redes.

Pborg (2013, p. 40-41) reflete:

[...] Atualmente, a capacidade de colaboração entre homens – inerente à própria condição humana – encontra-se mais forte do que nunca. Aliás, através da utilização dessas ferramentas e redes sociais, os seres humanos estão aprendendo um novo idioma que, pela primeira vez na história, cria condições e fornece ferramentas necessárias para uma participação massiva da sociedade. [...]

Todavia, é preciso refletir sobre algumas questões: Quais são os atributos dessa linguagem? De que competências e habilidades precisamos para

podermos utilizá-las? Por que a linguagem da web pressupõe um gigantesco salto de consciência na história da humanidade, capaz de facilitar o acesso do homem a meios de vida e de desenvolvimento sustentável?

Aqui demonstramos que as coisas que se nos apresentem como novidades, in-

clusive a Teoria da Evolução, em verdade, são resultados de pesquisas e *insights* mais antigos. Ao mesmo tempo, parece evidente que as Mídias Digitais potencializaram a capacidade humana de colaboração que, ao que tudo indica, promove a evolução da humanidade, dos seres humanos. Somos, aparentemente, resultado do que evoluímos.

6. Referências bibliográficas

ALVES, Rubem, *Variações sobre o prazer*. 2. ed. São Paulo: Planeta, 2014.

COLFERAI, Sandro Adalberto. *Um jeito amazônida de ser mundo* – a Amazônia como metáfora do ecossistema comunicacional: uma leitura do conceito a partir da região. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Amazonas, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia, 2014.

DANTAS, Jane Santos; MONTEIRO, Gilson. Ecossistemas comunicacionais: uma visão prática. In: MONTEIRO, Gilson; ABUDD, Maria Emília de O. Pereira; FEITOZA, Mirna (Orgs). *Estudos e Perspectivas dos Ecossistemas na Comunicação*. Manaus: Ufam, 2012.

KERCKHOVE, Derrick de. *A pele da cultura* – Uma investigação sobre a nova realidade eletrônica. Trad. Luís Soares e Catarina Carvalho. Lisboa-Portugal: Relógio D'Água Editores, 1997.

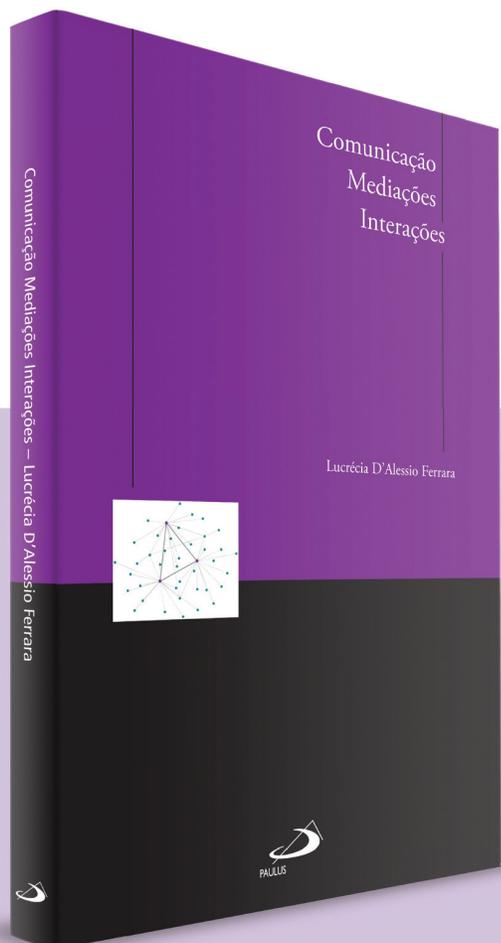
MONTEIRO, Gilson; COLFERAI, Sandro. Por uma pesquisa amazônida em comunicação: provocações para novos olhares. In: *Comunicação Midiatizada na e da Amazônia*./ Organizadores: Maria Ataíde Malcher, Netília Silva dos Anjos Seixas, Regina Lúcia Alves de Lima, Otacílio Amaral Filho; Autores: Gino Giacomini Filho... [et al.]. – Belém: FADESP, 2011.

_____. ABUDD, Maria Emília de O. Pereira, FEITOZA, Mirna (Orgs). *Estudos e perspectivas dos ecossistemas na comunicação*. Manaus: Ufam, 2012.

PEBORGH, Van Ernesto. *Redes: o despertar da consciência planetária*. São Paulo: DVS Editora, 2013.

VARELA, Francisco; THOMPSON, Evan; ROSCH, Eleanor. *A mente corpórea: ciência cognitiva e experiência humana*. Lisboa-Portugal: Piaget, 2001.

Cidade, um laboratório de comunicações



216 páginas

Comunicação, mediações, interações

Lucrécia D'Alessio Ferrara

O objeto de investigação deste livro está concentrado na análise da cidade que, ao mesmo tempo, é cenário e atriz de processos comunicacionais mediativos e interativos. Com dez ensaios fundamentais para o estudo da Comunicação, este trabalho destina-se à leitura atenta de comunicólogos, arquitetos, urbanistas, paisagistas, geógrafos, historiadores e artistas que atuam na cidade e a transformam.

PAULUS,
dá gosto de ler!

paulus.com.br
11 3789-4000 | 0800-164011
vendas@paulus.com.br

